

FORMAS DE SEPULTAMENTO NA TRADIÇÃO CERÂMICA TUPIGUARANI

Fabiane Maria Rizzardo¹

Pedro Ignácio Schmitz²

RESUMO

O objeto do presente trabalho são as formas de sepultamento adotadas pelos grupos ceramistas Tupiguarani. O objetivo foi reunir e, na medida do possível, compreender as diferentes formas de sepultamento adotadas pelos grupos pertencentes à tradição cerâmica em questão. A metodologia envolveu um amplo levantamento bibliográfico das pesquisas arqueológicas já publicadas. As obras abordadas foram divididas por subtradição cerâmica a que pertencem e por estados da União, a fim de demonstrar o padrão de sepultamento existente em cada estado e em cada região em que a tradição cerâmica Tupiguarani ocorre. O trabalho também conta com uma reflexão realizada com base nas fontes etno-históricas. Como resultado, destacamos que os sepultamentos em urnas funerárias estão presentes em toda a área abrangida pela tradição cerâmica Tupiguarani. Os sepultamentos diretamente no solo são variações da forma comum de sepultamento, que seria aquela dentro dos vasilhames; neles geralmente a cabeça é guardada ou protegida por uma vasilha cerâmica. A revisão bibliográfica também aponta para uma variação regional na forma de sepultamento.

Palavras-chave: Formas de sepultamento, Tradição cerâmica Tupiguarani, Variação regional.

1 INTRODUÇÃO

Todas as sociedades humanas adotam formas de tratar os seus falecidos, sendo a mais comum delas o enterramento. Também os ceramistas Tupiguarani, estudados neste trabalho, possuíam um modo específico de tratar o corpo dos seus entes. Estes grupos, que se desenvolveram no sul, no centro e no nordeste do Brasil, cujos descendentes históricos são os Guarani e os Tupinambá, costumavam sepultá-los em associação com cerâmica, porém, de diferentes maneiras.

Muitos trabalhos sobre a tradição cerâmica Tupiguarani foram realizados ao longo das últimas décadas. No entanto, poucos foram elaborados com a intenção de

¹ Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: *farizzardo@gmail.com*.

² Bolsista de Produtividade Senior CNPq. Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS. E-mail: *anchietano@unisin.br*.

sistematizar as formas de sepultamento, que é objeto deste estudo.

Algumas questões surgiram ainda no início da pesquisa, as quais nortearam o estudo. Entre elas, destacamos: Quais os elementos comuns do tratamento dos mortos identificados nas duas principais subtradições da tradição cerâmica Tupiguarani? Em que medida as variações nas formas de sepultamento podem ser consideradas variações regionais? Existe um modo específico de sepultar na região compreendida pela subtradição Pintada e na região compreendida pela subtradição Corrugada? Ou as diferenças encontradas estariam relacionadas com outras questões?

A partir dos problemas de pesquisa, estabelecemos os objetivos, sendo o objetivo geral a sistematização das informações arqueológicas sobre os sepultamentos da tradição Tupiguarani, a fim de dar subsídios para o estudo do tratamento dado aos mortos por estas populações. O objetivo específico é a identificação das particularidades nas formas de tratamento e sepultamento dos mortos nos diferentes contextos em que a tradição Tupiguarani ocorre.

A metodologia envolveu revisão bibliográfica dos resultados de pesquisas publicadas e a comparação destes resultados para entender a diversidade das formas de deposição e as diferentes práticas que envolvem os sepultamentos.

Dois conceitos importantes aparecerão durante o estudo. O conceito de “sepultamento” é entendido como o enterramento humano com evidência de intervenção da comunidade. O sepultamento é diferente de uma deposição natural, ocorrida quando o falecido permanece no mesmo local e posição, sem um tratamento especial por parte dos vivos (PY-DANIEL, 2009). Outro conceito é o de “urna funerária”. De acordo com Müller e Souza (2011), esse termo só pode ser utilizado quando comprovada a relação da cerâmica com o sepultamento. Nesse sentido, estamos entendendo como urna funerária apenas os vasilhames que serviram para esta finalidade, sem intenção de generalizar o termo para todo e qualquer vasilhame grande.

2 PRINCIPAIS TRABALHOS QUE ABORDAM SEPULTAMENTOS ASSOCIADOS À CERÂMICA DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI

Para melhor compreensão, dividiremos a análise bibliográfica pelas duas principais subtradições, a Pintada e a Corrugada, conforme a taxonomia do PRONAPA,

mas manteremos nas sínteses os termos escolhidos pelos autores. Também separaremos os trabalhos por estados da União, a fim de melhor mostrar como os sepultamentos estão distribuídos geograficamente.

2.1 SUBTRADIÇÃO PINTADA

- Síntese do trabalho de Angela Buarque, Região dos Lagos – Rio de Janeiro

No texto “As Estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ”, presente na obra “Ceramistas Tupiguarani – Vol. III”, Angela Buarque descreve estruturas funerárias encontradas em supostas aldeias Tupinambá do sudeste do Rio de Janeiro, região dos Lagos.

De acordo com a autora um total de 25 sítios arqueológicos foi encontrado nos municípios de Araruama, Iguaba e São Pedro, estando alguns desses sítios mais bem preservados que outros (BUARQUE, 2010, p. 151). Em seu artigo, Buarque menciona as estruturas dos sítios Morro Grande, Serrano, São José e Bananeiras. Os três primeiros estão “localizados na parte interior do município de Araruama, distando cerca de 5 km da laguna”, enquanto que o último está “próximo ao litoral, situado a 500 metros da orla da mesma, no presente” (BUARQUE, 2010, p. 152).

Sobre o sítio Morro Grande, ressalta que há escassez de ossos nas estruturas funerárias, o que estaria relacionado com a acidez do solo. No entanto, a combinação das peças, “associadas à urna com tampa”, deixa claro “um contexto funerário” (BUARQUE, 2010, p. 157).

Cinco estruturas funerárias do sítio Morro Grande são descritas pela autora. De modo geral, estas estruturas são compostas por uma urna, uma tampa e uma série de tigelas (Ver anexo. Figura 1). Muitas das cerâmicas apresentam pintura. Na estrutura 1, uma das tigelas (de 24 cm de diâmetro) cobria um crânio já deteriorado (BUARQUE, 2010, p. 160).

Outros aspectos, além das peças cerâmicas, são observados por Buarque no sítio Morro Grande, entre eles a presença de fogueiras e buracos de estacas junto às estruturas. A autora acredita que tais estacas teriam sustentado jiraus associados à urna. Os jiraus deveriam cumprir “o objetivo de evitar o contato do morto com a terra”

(BUARQUE, 2010, p. 162). Para fundamentar a hipótese, a autora utiliza um trecho retirado de Gabriel Soares de Souza (SOARES DE SOUZA apud BUARQUE, 2010, p. 162), que descreve o uso de jiraus no contexto funerário tupinambá.

Quanto ao sítio Serrano³, Buarque diz que nele foram encontradas 23 estruturas funerárias, sendo que em algumas havia presença de cerâmicas pintadas, com ossos mal preservados. A área escavada corresponde a 328 m², onde a maior parte das peças ou estruturas funerárias “estava associada a áreas de enterramento” (BUARQUE, 2010, p. 164).

Há evidências de uma cova, “coberta por uma camada de argila cinza, dentro do substrato argiloso ocre onde era colocada a urna, e que estamos denominando de ‘cama’” (BUARQUE, 2010, p. 164).

Apesar do grande número de estruturas encontradas no sítio Serrano, Buarque escolhe apenas duas para descrever. A primeira estrutura é composta por uma urna com duas tampas fragmentadas, vasilhas que teriam sido reutilizadas: “Devido à fragmentação em um dos lados da tampa, foi utilizada outra peça, também quebrada, para cobrir a parte que a outra metade deixava à mostra” (BUARQUE, 2010, p. 164). Não havia restos humanos preservados na estrutura. A cobertura dupla (duas tampas), “mostra uma preocupação em não deixar a descoberto o seu conteúdo, configurando uma estrutura funerária” (BUARQUE, 2010, p. 164).

A segunda estrutura do sítio Serrano é mencionada rapidamente, da seguinte forma: “Na segunda estrutura, com restos esqueléticos, a tigela pintada estava encostada à urna, mas com a abertura virada para fora” (BUARQUE, 2010, p. 164). Não há maiores informações sobre as peças que compõe o conjunto funerário.

Na aldeia São José, Buarque menciona terem recuperado quatro estruturas funerárias, sendo que em apenas uma delas havia tigela pintada. Na urna desta estrutura, foram encontrados dentes de crianças. A tigela é de formato retangular. Buarque também menciona outra peça cerâmica que compõe esta mesma estrutura funerária: um fragmento cerâmico pintado, pertencente a uma tigela com presença de faixas duplas na borda, em vermelho.

³Buarque sugere que a grande quantidade de sepultamentos no sítio Serrano indicaria que, após o contato com o europeu, houve alta mortalidade entre os membros da aldeia, provavelmente em função de contágio de doenças desconhecidas aos indígenas (BUARQUE, 2010, p. 162).

Ao escrever sobre a aldeia Bananeiras, a autora é sucinta, deixando de lado informações sobre a escavação do sítio. Na descrição de um sepultamento há menção ao sexo do indivíduo contido na urna, bem como descrição da forma de sepultamento e das partes esqueléticas encontradas:

A estrutura funerária estava associada a um pote e a duas tigelas pintadas, contendo um enterramento primário de um indivíduo do sexo feminino, entre 20 e 25 anos, medindo cerca de 1,46 m de altura, mostrando parte de suas vértebras e costelas em conexão anatômica (BUARQUE, 2010, p. 166).

Esta urna apresenta pés e, por isso, está sendo considerada como pertencente a um período de contato (BUARQUE, 2010, p. 166). No interior havia um pote de pequenas dimensões (0,10 m de altura e 0,07 m de diâmetro), de coloração marrom escuro. Este pote estava sob o crânio do esqueleto. Nele há presença de “impregnação por líquido”, marcas que podem estar indicando a ingestão de bebidas, como o cauim (BUARQUE, 2010, p. 166).

O corpo feminino estava acompanhado de dois pingentes confeccionados com conchas, os quais podem confirmar aspectos contidos na obra do cronista Fernão Cardim, que escreveu sobre enterramentos com presença de objetos do morto, como joias e metaras (CARDIM apud BUARQUE, 2010, p. 167).

Fica evidente, a partir do texto de Buarque, que os ceramistas tupi-guarani, que habitaram a Região dos Lagos, faziam cemitérios próprios para cada aldeia. Tinham como costume compor as estruturas funerárias com urnas, tampas e uma série de tigelas pintadas, elementos que formam um padrão para a região.

Apesar de as tigelas e outras vasilhas pintadas serem entendidas por Buarque como oferendas, pensamos que elas teriam (também e principalmente) a função de tornar a urna funerária mais forte e isolar melhor o corpo da terra. Uma vasilha complementar colocada sobre a cabeça do morto ainda reforça esta hipótese. O primeiro aspecto ficará mais evidente no trabalho de Ondemar Dias, que será mencionado a seguir e o segundo em sítios da Tradição Corrugada.

Fogueiras e buracos de estacas são, aparentemente, elementos comuns na região e, de acordo com a autora, podem estar associados a rituais funerários dos habitantes da aldeia. Convém destacar, ainda, que Buarque atribui os sepultamentos aos Tupinambá.

- Síntese do trabalho de Ondemar F. Dias Jr, rio Paraíba e Sernambitiba – Rio de Janeiro

O trabalho de Ondemar F. Dias Jr, intitulado “A Tradição Tupiguarani no estado do Rio de Janeiro”, aborda duas regiões com presença de sepultamentos em urna: ao longo do rio Paraíba e em Sernambitiba. Os sítios das duas regiões são classificados como pertencentes à Subtradição Pintada (DIAS, 2009, p. 67).

As imagens contidas no trabalho de Dias mostram uma estrutura funerária muito semelhante às estudadas por Buarque na Região dos Lagos, sendo composta, também, por urna funerária, tampas e tigelas. Imagens do texto de Ondemar possibilitam perceber como as estruturas são encontradas na escavação.

Nas imagens de Dias o vasilhame localizado acima da tampa é tido como uma “sobre-tampa”. Os vasilhames justapostos, lateralmente, ao vasilhame principal se apresentam mais como reforços da urna funerária, para isolar o corpo da terra, do que como oferendas. Pensamos que estas tigelas poderiam funcionar como reforço da parede da urna, pois a posição em que são encontradas sugere esta função (Ver anexo. Figura 2).

Sobre os sepultamentos escavados, o autor conclui que parecem estar demonstrando uma “variação de “status social”, já que alguns deles estão acompanhados de elementos elaborados, enquanto outros não (DIAS, 2009, p. 76).

O trabalho de Ondemar Dias auxilia na compreensão de que estruturas funerárias compostas por urna, tampas e tigelas compõem um padrão para o estado do Rio de Janeiro.

- Síntese do trabalho de Pedro Ignácio Schmitz, nordeste de Goiás

A Revista Pesquisas, de 1996, sob o título “Arqueologia nos cerrados do Brasil Central – Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás”, publica o projeto Serra Geral, desenvolvido pelo Instituto Anchieta de Pesquisas e a UCG, no qual se encontram dados importantes sobre sepultamentos Tupiguarani encontrados no nordeste do estado de Goiás.

O primeiro sítio mencionado, com presença de sepultamentos, é o GO-PA-64, localizado nas proximidades do rio São Bernardo, no município de São Domingos. O sítio está no sopé de um “paredão calcário, sobre uma plataforma que sobressai do rio uns 50 m” (SCHMITZ et al., 1996, p. 19). Ali existem urnas enterradas em covas rasas, na plataforma que se formou rente ao paredão.

Três localidades contíguas foram escavadas e evidenciaram a presença de vasilhas utilizadas como urnas, que os autores denominam de “sepultamento 1, 2 e 3” (SCHMITZ et al., 1996, p. 19).

No sepultamento 1, a primeira vasilha mencionada é um recipiente de pequenas dimensões, com engobe branco e pintura vermelha e vinho na borda e no ombro. A vasilha apresenta manchas de fogo, indicativo de uso doméstico. Ela servia de tampa (SCHMITZ et al., 1996, p. 20). O segundo vasilhame da estrutura é maior e é onde os ossos humanos estavam contidos. Ele não possui decoração. Os autores ressaltam que junto à estrutura havia, ainda, evidências de outros vasilhames, os quais seriam provenientes de outro sepultamento. Sobre os ossos humanos, destacam serem fragmentos de “crânio e ossos maiores de um indivíduo alto e idoso” (SCHMITZ et al., 1996, p. 20).

O sepultamento 2 apresenta fragmentos de três vasilhas. Uma das vasilhas é considerada como tampa. Ela apresenta engobe branco, mas “já sem pinturas” (SCHMITZ et al., 1996, p. 20). O vasilhame maior, que serviu para abrigar os ossos, não possui engobe ou pintura. Neste achado também havia um fragmento pintado de branco com uma moldura preta sobre fundo natural. Os ossos contidos na estrutura são pertencentes a três indivíduos diferentes e suas características são descritas da seguinte forma:

Caracterizam três indivíduos, sendo um adulto jovem, cujo terceiro molar ainda não emergiu e sexo provavelmente feminino e dois indivíduos muito jovens, crianças com dentição aparentemente incompleta (SCHMITZ et al., 1996, p. 20).

O sepultamento 3 contém duas vasilhas cerâmicas menores, com presença de pintura, e outro maior, sem decoração. De acordo com os dados presentes, os ossos deste sepultamento são escassos e, aparentemente, correspondem a um indivíduo com idade avançada (SCHMITZ et al., 1996, p. 20).

2.2 SUBTRADIÇÃO CORRUGADA

- Síntese do trabalho de Igor Chmyz junto à desembocadura do Rio Ivinheima – Mato Grosso do Sul

O trabalho de Igor Chmyz, intitulado “Dados arqueológicos do Baixo Rio Paranapanema e do Alto Rio Paraná”, publicado no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA (CHMYZ, 1974), abrange pesquisas realizadas no vale do rio Paraná e no rio Samambaia, o qual se encontra no estado do Mato Grosso do Sul.

O autor escreve que foi encontrado um total de 53 sítios arqueológicos, sendo que 43 são pertencentes à tradição Tupiguarani. Os sítios tupiguarani foram agrupados em: fase Pirapó, correspondente à Subtradição Corrugada; fase Ivinheima, correspondente à Subtradição Corrugada e fase Loreto, correspondente à Subtradição Escovada. Os relatos de sepultamentos aparecem no texto apenas quando a fase Ivinheima é abordada. Desse modo, as demais fases mencionadas não serão incluídas nesta síntese.

Chmyz localizou quatro sítios arqueológicos da fase Ivinheima. Eles foram encontrados ao longo da margem esquerda do rio Paraná e, também, na margem do rio Samambaia, afluente do rio Paraná no estado de Mato Grosso do Sul. Os sepultamentos mencionados mais adiante no texto foram encontrados em área pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com o autor, foi possível estabelecer o formato das aldeias antigas dos sítios do rio Samambaia, os quais formariam:

uma faixa elíptica, de areia impregnada de carvão vegetal, restos de cozinha e cacos de cerâmica, medindo 10 m de largura. Esta elipse, que media 100 x 80 m, era interrompida na extremidade orientada para o rio. Em alguns pontos desta faixa de habitações, a profundidade dos refugos atingia até 80 cm de profundidade. Na parte central dessa ferradura, os sedimentos eram de cor amarela-clara (CHMYZ, 1974, p. 74).

Neste espaço, “somente nos sítios MT-IV-1, em 13 quadras abertas, foram registradas 30 urnas funerárias” (CHMYZ, 1974, p. 74). Elas estavam, de modo geral, alinhadas no sentido leste-oeste e, nas escavações, foi possível identificar as “covas abertas para deposição das urnas e restos humanos” (CHMYZ, 1974, p. 74).

As urnas normalmente eram encontradas com recipientes rasos ou mesmo com outros vasilhames maiores como tampa. Além disso, Chmyz parece ter evidenciado que

as vasilhas que serviram como urnas, foram reutilizadas, uma vez que algumas delas “não possuíam fundos e foram protegidas, por dentro, com cacos grandes” (CHMYZ, 1974, p. 74).

As diversas práticas funerárias presentes nos sítios arqueológicos foram sucintamente descritas da seguinte forma:

Foram registradas várias práticas funerárias: uma peça continha crânios e alguns ossos pertencentes a dois indivíduos; sobre os restos humanos foram depositados cacos de vasilhas. Duas dessas vasilhas, reconstituídas posteriormente, mostraram sinais de quebra intencional. Em outra urna, o crânio havia sido colocado no fundo e os ossos longos dispostos em torno (CHMYZ, 1974, p. 74).

O autor evidencia, ainda, a presença de acompanhamentos funerários e a ausência de sepultamentos primários em urnas. Os sepultamentos primários encontrados, apesar de fora das urnas, estão organizados conforme a lógica dos sepultamentos em urnas:

Em quase todas havia, no seu interior ou no lado de fora, pequenos recipientes cerâmicos, sugerindo oferendas. Tembetás em T, de cristal de rocha e de resina, ocorreram em muitas urnas. Em nenhuma urna, seja pelas dimensões das peças, seja pela disposição dos ossos, constatamos algum enterramento primário. Os enterramentos primários encontravam-se na mesma profundidade e alinhamento das urnas. Num deles, de posição semifletida, em decúbito lateral esquerdo, cacos grandes cobriam apenas o crânio. Ao lado da mandíbula havia um tembetá em T, de cristal de rocha, e, junto aos ossos dos pés, uma machado alongado polido, polidores de sulco e possível corante. Outro esqueleto jazia com o crânio apoiado numa vasilha rasa. Exemplificando, ainda, a diversidade de práticas funerárias, citamos os restos de um indivíduo que foi disposto na cova em posição acorçada, tendo sobre o crânio uma vasilha rasa emborcada (est. 24–25) (CHMYZ, 1974, p. 75).

Ainda no espaço em que aborda as variadas formas de sepultamento, o autor ressalta que foram notadas perturbações em vasilhas já anteriormente enterradas no local, causadas por enterros posteriores (CHMYZ, 1974, p. 75).

Não menciona o sexo dos indivíduos sepultados dentro e fora das urnas funerárias. Destacamos que sepultamentos em urna com presença de tembetá e vasilhas pequenas, bem como sepultamentos primários fora de urnas, com presença de vasilha sobre o crânio e acompanhamento funerário, parecem compor um padrão funerário para a aldeia em questão.

- Síntese do trabalho de Emília Kashimoto e Gilson Martins, no rio Ivinhema – Mato Grosso do Sul

Em “Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul”, Kashimoto e Martins evidenciam um grande sítio arqueológico semelhante ao estudado por Chmyz. No sítio Ivinhema I (VN1) os pesquisadores encontraram estruturas funerárias que compõem uma área de enterramento guarani (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 95). Os achados foram localizados em um espaço de aproximadamente 6.000 m² e algumas das estruturas estavam próximas entre si.

Durante escavações, foi localizada urna funerária corrugada (ver anexo. Figura 3), que continha ossos longos e um crânio. O crânio estava “*recoberto por uma vasilha cerâmica (cambuchí) e por fragmentos de outras peças similares*” (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 96). De acordo com os autores, os restos esqueléticos do indivíduo indicam sepultamento de um homem jovem, com aproximadamente 35 anos. O crânio estava acompanhado de um tembetá, o que confirma que se trata de um sepultamento masculino (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 96). A poucos metros de distância localizaram uma urna funerária corrugada. Não há maiores informações sobre a mesma.

Ainda neste sítio arqueológico, mas em terreno de outro proprietário, encontraram duas estruturas funerárias. Uma delas continha uma panelinha cerâmica de pequenas proporções, a qual foi associada com “*armazenagem/consumo de bebidas no ritual de sepultamento ali realizado*” (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 101).

Achados funerários com características de contato também foram encontrados (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 102). Estes achados, porém, não serão abordados aqui.

A partir da leitura de Kashimoto e Martins, podemos deduzir que as estruturas funerárias estão dispostas de modo a formar um cemitério.

Os autores não mencionam as medidas das vasilhas que compõem as estruturas funerárias, nem tampas. Também não há detalhes sobre a decoração das vasilhas, no entanto, através do texto, entendemos que as mesmas possuem apenas decoração plástica. As estruturas funerárias individuais não parecem compostas por uma série de vasilhames cerâmicos, mas possuem acompanhamento funerário como tembetá e tigela pequena (aparentemente serve como oferenda). Outro aspecto interessante é a presença

de uma vasilha protegendo o crânio de um indivíduo depositado em urna. Este elemento pode estar evidenciando uma preocupação em proteger especialmente a região da cabeça.

- Síntese do trabalho de Müller e Souza, oeste de Santa Catarina

No trabalho intitulado “Enterramentos Guarani: Problematização e novos achados”, das autoras Letícia Morgana Müller e Sheila Mendonça de Souza (2011), presente no livro “Antes do Oeste Catarinense, Arqueologia dos povos indígenas”, há relevantes contribuições para a temática das práticas mortuárias entre os grupos tupiguarani. O trabalho apresenta a análise cuidadosa de três sepultamentos encontrados no oeste catarinense.

Os enterramentos foram encontrados “entre o sítio ACH-SU3-C2 e a barranca do rio Uruguai”. Havia no sítio um total de oito sepultamentos, porém, devido à ação de máquina niveladora, restaram para salvamento apenas três (estrutura 3, estrutura 4 e estrutura 5).

A primeira análise é referente à “estrutura 3”. Danificada pela máquina niveladora, é composta por apenas o fundo de um vasilhame, que apresenta vestígios de ossos da cabeça de um indivíduo adulto. Os vestígios humanos são descritos como “acumulação de ossos friáveis, muito decompostos, com aspecto de ossos planos” (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 176).

Chama atenção a quantidade de elementos que as autoras observaram, que resultaram em interpretações bem formuladas. Uma dessas interpretações é sobre a articulação entre a mandíbula e o maxilar do esqueleto:

A proximidade da posição natural de articulação entre maxila e mandíbula sugeriu que a boca havia se mantido em conexão, sendo, portanto, provável que ainda possuísse partes moles que unissem a mandíbula à maxila, quando o indivíduo foi depositado no vasilhame. Embora não haja descrições claras do processo de descarnado empregado pelos Guarani, é possível imaginar, com base na literatura para outros grupos, que a desconexão das principais articulações fosse uma prática, e dificilmente deixaria articulados mandíbula e maxila (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 177).

Embora não se tenha encontrado o restante do corpo, é ressaltado que não parece tratar-se de um sepultamento exclusivo da cabeça ou de um corpo descarnado. O texto

apresenta dados sobre os 29 dentes encontrados no vasilhame, os quais possuem cáries e desgastes.

A segunda estrutura analisada (estrutura 4) é composta por um vasilhame grande; umavasilha pequena (acompanhamento); a impressão de ossos humanos já desgastados; dentes humanos bem preservados (no total de 26) e adorno (12 contas elaboradas em gipsita). O vasilhame principal possui decoração corrugada na parte externa e apresenta marcas de uso na parte externa. O acompanhamento funerário (cerâmica menor) foi encontrado no interior do grande vasilhame. Este sepultamento corresponde a uma criança.

A terceira estrutura funerária (estrutura5) é considerada a mais bem preservada. Um dos motivos para isto é o fato de ela não ter sofrido nenhuma perturbação por máquinas. É formada por uma vasilha carenada (com tampa) de cerca de 44 cm de diâmetro e 27 cm de altura útil; dois recipientes pequenos, bem alisados, que formam o acompanhamento funerário; rochas com marcas de queima e oxidação; ossos humanos relativamente bem preservados do crânio, membros superiores e inferiores. Também foram encontrados na estrutura ossos de um roedor. É a “maior e mais complexa” das estruturas (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 187).

De acordo com Müller e Souza, o sepultamento em urna permite diversas interpretações:

Pode se tratar do sepultamento de partes de um corpo ainda conectadas por ligamentos ou músculos; de um sepultamento secundário com requintes de organização dos ossos; ou de um enterramento primário fortemente afetado pelos processos tafonômicos. A presença de rochas termóforas sugere que o corpo (ou os ossos parcialmente descarnados) foi sepultado acompanhado de alguns materiais. A presença de dentes de um roedor na estrutura, associada às marcas de dentes de roedor na diáfise da tíbia esquerda, indica que o espaço interno da urna foi visitado por fauna fossorial que teve acesso ao cadáver, o que pode ter contribuído para a destruição diferencial dos despojos (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 203).

O vasilhame maior, o qual abrigava os ossos humanos, foge dos padrões esperados para uma urna funerária, uma vez que seu tamanho é considerado relativamente pequeno para este fim (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 203). No entanto, o

vasilhame comporta tranquilamente “um corpo fortemente fletido e amarrado, principalmente quando se trata de um Guarani, grupo de baixa estatura e pouco robusto” (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 203). A altura do vasilhame e a posição dos ossos sugerem que o morto foi colocado sentado no fundo do recipiente, provavelmente com a cabeça entre as pernas fletidas. Caso alguma parte tivesse ficado de fora, esta teria sido coberta pela vasilha que serviu de tampa (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 203).

Müller e Souza não puderam concluir definitivamente se os ossos humanos correspondem a um sepultamento primário ou secundário, devido à falta de “parâmetros comparativos na literatura”, porém, por ser possível notar a persistência de algumas “conexões anatômicas simétricas”, mencionam que provavelmente se trata de um sepultamento primário (MÜLLER, SOUZA, 2011, p. 203).

Finalmente ressaltam, entre diversos outros aspectos, que todos os três sepultamentos possuíam acompanhamentos funerários “como tembetás (estrutura 3), recipientes cerâmicos (todas as estruturas) e colar de contas (estrutura 4)”, sendo que o tembetá pode ser associado aos sepultamentos de indivíduos masculinos e o colar de contas, aos sepultamentos de crianças (MÜLLER; SOUZA, 2011, p. 2010).

- Síntese do trabalho de Marlon Pestana, na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul

A dissertação de mestrado “A Tradição Tupiguarani na Porção Central da Planície Costeira do Rio Grande do Sul”, Brasil, escrita por Marlon Pestana (2007), contém um capítulo inteiro sobre o tema, o qual denomina-se “As práticas funerárias”. Ele possui informações sobre sepultamentos encontrados em dois sítios arqueológicos: Lino Azevedo Pires de Lima (RS-LC-45) e Manoel Mariano Machado (RS-LC-09). A área onde os sepultamentos foram localizados compreende os municípios de Mostardas e Tavares, no litoral centro do Rio Grande do Sul.

O sítio Manoel Mariano Machado possui dois sepultamentos, um direto no solo (sepultamento 1) e outro em urna funerária (sepultamento 2).

O sepultamento 1, feito direto no solo, teve posteriormente a cabeça separada do restante do corpo, recolhida numa vasilha com tampa e novamente depositada no mesmo lugar (ver anexo. Figura 4). A vasilha foi encontrada numa “profundidade um

pouco menor do que o resto do corpo” (PESTANA, 2007, p. 115). Sobre o estado de preservação dos ossos, Pestana escreve:

O corpo estava bastante decomposto, contudo percebia-se a forma de deposição. A coluna vertebral parecia estar inteira. Da cabeça estavam presentes a mandíbula e alguns dentes soltos do maxilar superior. Do tronco foram observadas, além do esterno, quatro costelas do lado esquerdo e três do lado direito. Era possível observar as duas clavículas e o respectivo lugar das articulações. Os braços estavam estendidos ao longo do corpo; dos antebraços havia uma parte do esquerdo, do direito nada apareceu. Os ossos longos das pernas estavam presentes, estendidos paralelamente com uma separação de 20,0 cm (PESTANA, 2007, p. 114).

Marlon Pestana segue caracterizando o esqueleto, descrevendo os ossos e realizando interpretações. Quanto à identificação do sexo do indivíduo, escreve: “provavelmente representa um indivíduo adulto do sexo feminino que, de acordo com as suturas não-fusionadas, teria entre 20 e 25 anos de idade” (PESTANA, 2007, p. 114).

A calota craniana, contida em um vasilhame pintado com tampa corrugada, apresentava-se sem “os dentes da arcada superior, que tinham ficado junto com a mandíbula”, o que indica “que a manipulação da calota teria sido feita quando o corpo já estava decomposto ou em decomposição” (PESTANA, 2007, p. 115). Pestana caracteriza o enterramento do crânio, dentro da urna, como “um sepultamento secundário, complementar da deposição primária” (PESTANA, 2007, p. 116).

O corpo do indivíduo estava acompanhado de “36 pequenas barras feitas de conchas marinhas do gênero *Adelomelon* sp.” (PESTANA, 2007, p. 117). As barras, furadas nas extremidades, estavam dispostas de modo a formar um colar “localizado abaixo da mandíbula, entre as duas clavículas e sobre as vértebras da coluna do morto” (PESTANA, 2007, p. 117). Junto ao vasilhame no qual o crânio estava depositado, não foi encontrada nenhuma oferenda funerária.

O sepultamento 2, também pertencente ao sítio Manoel Mariano Machado, encontrava-se em vasilhame pintado com tampa. Foi encontrada pelos pesquisadores “a base de uma vasilha contendo ossos, além de fragmentos e ossos espalhados por uma área de 180 cm de comprimento por 40,0 cm de largura” (PESTANA, 2007, p. 118). No vasilhame havia ossos como “fêmur, tíbia, perônios, rádio e, ainda, alguns dentes” que podem corresponder a um jovem com idade entre 15 e 20 anos (PESTANA, 2007, p. 118).

O vasilhame que serviu de abrigo para os ossos humanos é uma panela pintada de vermelho e branco, com abertura da boca de 28,0 cm e profundidade de aproximadamente 36,0 cm (PESTANA, 2007, p. 118). O vasilhame que serviu de tampa é uma panela em meia calota. Não há evidências de acompanhamento funerário (PESTANA, 2007, p. 118). O autor também não aborda o sexo do indivíduo.

Sobre o sítio Lino de Azevedo Pires de Lima, convém destacar que o mesmo contém uma mancha escura de 30,0 m de diâmetro, onde foram encontrados fragmentos de cerâmica tupiguarani e lítico, bem como indícios de fogueiras, remanescentes de ossos de animais e conchas, indicando que corresponde a uma área de habitação (PESTANA, 2007, p. 120). Nela foi aberta uma quadrícula de 3,00 x 3,00 m e uma de 1,00 x 1,00 m.

Da primeira quadrícula foi extraída uma urna funerária (sepultamento 3), com presença de ossos de um indivíduo jovem. A estrutura funerária consiste em um vasilhame corrugado e carenado, no qual o morto foi depositado. A tampa possui características semelhantes ao do vasilhame que abrigava o morto. Os ossos encontrados no interior da vasilha consistem em fragmentos da calota craniana, bem como em uma “falange proximal do polegar, um fragmento do corpo da ulna e um corpo do rádio”. (PESTANA, 2007, p. 121). Também foram encontrados dentes avulsos.

Ao que podemos perceber, os dentes foram indícios importantes neste achado, pois eles possibilitaram descobrir a idade aproximada do indivíduo, que possui entre 6 e 10 anos de idade. Não há evidências de oferendas (PESTANA, 2007, p. 121).

O corte de 1,0 x 1,0 m, a 8,0 m do corte anterior, continha outro achado funerário (sepultamento 4). Embora deteriorado, era possível perceber fragmentos cerâmicos e ossos longos, provavelmente de um indivíduo adulto (PESTANA, 2007, p. 122).

Outras concentrações de material foram localizadas na área através de indicação do IBAMA de Mostardas; nelas foram encontradas duas urnas funerárias tupiguarani (consideradas por nós como sepultamentos 5 e 6). De acordo com Pestana, as urnas possuíam ossos humanos no seu interior (PESTANA, 2007, p. 120). Não há mais informações sobre estas estruturas.

Marlon Pestana aborda, ainda, sepultamento encontrado no sítio Bacopari I (sepultamento 7). A estrutura funerária compõe-se de uma vasilha pintada de vermelho

sobre branco, um crânio humano e fragmentos de cerâmica corrugada. O crânio pertence a um indivíduo adulto, do sexo masculino (PESTANA, 2007, p. 124). Não existem evidências de que outros ossos, além dos do crânio, tenham sido depositados na urna. No entanto, fragmentos de cerâmica corrugados foram encontrados junto aos ossos, os quais poderiam ser provenientes de uma vasilha que serviu como tampa. Sobre isso, escreve: “podemos concluir que temos nova deposição de um crânio em vasilha pintada com uma tampa corrugada” (PESTANA, 2007, p. 125).

O último sepultamento abordado por Marlon Pestana (sepultamento 8) foi encontrado em Campo da Honra, Tavares, e consiste em um vasilhame com presença de um crânio, não havendo informações sobre a presença do restante do corpo. Também não há evidências do vasilhame que serviu como tampa. O crâniopertenceu a uma mulher adulta (PESTANA, 2007, p. 126).

- Síntese do trabalho de Sérgio Klamt, Ibarama – Rio Grande do Sul

Outro trabalho que abrange sepultamentos tupiguarani no Rio Grande do Sul é a tese de doutorado “Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani”, escrita pelo pesquisador Sérgio Celio Klamt. O tema da tese é o estudo de como os grupos ceramistas tupiguarani instalavam suas aldeias e como obtinham e utilizavam os recursos de subsistência.

As fontes materiais do estudo são os dados de sete sítios arqueológicos, todos pertencentes à tradição cerâmica tupiguarani. Estes sítios estão localizados em Linha Ressaca, município de Ibarama, RS. Em um dos sítios a escavação evidenciou uma área de enterramentos. O capítulo que aborda esta área será sintetizado neste espaço.

Denominado de “Área de enterramento”, o capítulo quatro da tese tem como intuito

Descrever os elementos de um pequeno espaço geográfico no qual se registram várias estruturas funerárias que, em conjunto, constituem uma área de enterramento (KLAMT, 2004, p. 181).

No trabalho, entende-se por estrutura funerária “uma ou mais vasilhas cerâmicas associadas, com a presença de remanescentes ósseos humanos e/ou anexos funerários” (KLAMT, 2004, p. 191). Um conjunto destas estruturas forma uma “área de

enterramento”, que “se não estiver associada a unidades habitacionais, será o sítio arqueológico propriamente dito” (KLAMT, 2004, p. 191).

A área de enterramento (sítio Scapini) possui 4500,0 metros quadrados e nela foram encontradas cinco estruturas funerárias, denominadas pelo autor de estruturas A, B, C, D e E. Quatro delas são compostas por dois enterramentos e uma é composta por apenas um enterramento. De acordo com Klamt, as estruturas foram divididas em cinco em função de as urnas aparecerem de duas em duas, com exceção da estrutura A, que estava sozinha.

A estrutura “A” é composta por uma única urna, a qual possui decoração plástica corrugada. Não contém tampa, mas o seu interior possuía restos humanos em decomposição, “não possibilitando qualquer trabalho complementar de aprofundamento” (KLAMT, 2004, p. 196).

A estrutura “B” é definida como sendo composta por duas vasilhas. Não foram encontrados ossos e anexos funerários associados. Uma das urnas funerárias é uma vasilha de decoração plástica, que possuía como tampa uma tigela de decoração plástica simples com volume de 70 litros. A segunda urna funerária da estrutura foi encontrada na direção leste, a cerca de 1,20 m da vasilha anterior. Ela apresenta decoração plástica corrugada. Como tampa, apresentava uma tigela de decoração plástica corrugada.

A estrutura “C”, também composta por duas vasilhas, não possui tampas e nem anexos funerários (KLAMT, 2004, p. 199). Uma das urnas da estrutura apresenta decoração plástica corrugada. A segunda urna funerária que compõe a estrutura encontrava-se a 1,50 m no sentido Leste da urna anterior. Esta cerâmica apresenta decoração plástica corrugada.

A estrutura “D” foi encontrada no sentido Leste-Oeste, assim como as demais estruturas. Sua localização foi realizada pelo proprietário das terras onde o sítio se encontra. É formada por duas urnas funerárias com decoração plástica, sendo que a segunda não possui tampa, mas estava acompanhada de anexos funerários (Ver anexo. Figura 5). A distância entre uma urna e outra era de 1,80 m.

A última estrutura mencionada, estrutura “E”, é formada por duas vasilhas, as quais estavam próximas ao rio, onde “o terreno apresenta declividade” (KLAMT, 2004, p. 202). Uma das vasilhas está 70% preservada, enquanto que a outra vasilha possui apenas 40% (KLAMT, 2004, p. 202). Ambas apresentam decoração plástica corrugada.

Ao que foi possível perceber, possuem forma geométrica similar às das demais urnas da área de enterramento (KLAMT, 2004, p. 202). A distância entre uma vasilha e outra era de 1,30 m. Nenhuma das duas estava acompanhada de tampa. No entanto, uma delas possuía uma lâmina polida de basalto (Ver anexo. Figura 6).

Após a descrição das 5 estruturas funerárias, o texto apresenta algumas observações pertinentes. Klamt escreve, por exemplo, que a distância entre as estruturas é uniforme, variando entre 17,0 e 22,0 metros. Além disso, há um alinhamento delas de “duas a duas, no sentido Leste-Oeste e paralelo ao leito do rio” (KLAMT, 2004, p. 208). A distância entre uma urna e outra, da mesma estrutura, também apresenta regularidade, variando entre 1,0 a 1,8 m.

CONCLUSÃO

O trabalho consistiu numa revisão bibliográfica, a fim de identificar as variadas formas de sepultamentos relacionadas aos grupos ceramistas tupiguarani, nos diferentes contextos em que a tradição cerâmica em questão ocorre.

A partir dessa revisão bibliográfica constatamos que os grupos pertencentes à subtradição Pintada tinham como hábito sepultar os seus entes em estruturas funerárias compostas por uma vasilha que serve de urna, uma tampa, uma sobre-tampa e uma quantidade de tigelas que funcionam como reforços da urna. Esses grupos possuem áreas de enterramentos próprias para cada aldeia.

Os grupos pertencentes à subtradição Corrugada tinham como hábito sepultar os seus entes em estruturas funerárias compostas, basicamente, por uma urna funerária e uma tampa, notando-se, também, estruturas sem tampas, mas com proteção da cabeça. Sepultamentos diretamente no solo, mas com cerâmica protegendo o crânio, também aparecem na área abrangida pela subtradição, constituindo-se em variações da forma comum de sepultamento, que seria aquela dentro dos grandes vasilhames. Não se notam estruturas de fogueiras ou buracos de estacas, mas comumente ocorrem acompanhamentos funerários.

O fato de a subtradição Pintada possuir estruturas compostas por mais elementos cerâmicos quando em comparação com a subtradição Corrugada, nos leva a concluir que aqueles grupos tinham uma preocupação em proteger o corpo inteiro do indivíduo

(mas com ênfase na cabeça), isolando-o do contato com a terra, como descreve Soares de Souza (1938).

As estruturas com menor quantidade de cerâmica da subtradição Corrugada e a ocorrência constante de proteção na região do crânio, presente até mesmo nos sepultamentos fora das urnas funerárias, nos indica que a preocupação era a de proteger mais fortemente a região da cabeça. Os acompanhamentos funerários parecem ser objetos que pertenciam aos mortos em vida ou oferendas.

A partir da comparação entre uma e outra subtradição é possível concluir que as diferenças mais significativas podem ser consideradas variações regionais.

O que foi apresentado aqui é apenas a primeira parte do nosso trabalho. A segunda parte é composta pela comparação detalhada entre os sepultamentos das subtradições e pela reflexão a partir de fontes etno-históricas, elaborada com o intuito de possibilitar uma aproximação com as crenças e concepções de morte dos grupos tupiguarani. A intenção é que a continuidade da pesquisa seja desenvolvida em outro artigo.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, A. As estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ. In: **Os Ceramistas Tupiguarani**. Volume III. Eixos Temáticos. Belo Horizonte, Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, 2010, p. 149-172.

CHMYZ, I. Dados Arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do Alto rio Paraná. In: PRONAPA. Resultados preliminares do quinto ano, 1969-1970. **Publicações Avulsas do Museu Paranaense Emílio Goeldi**, Belém: MPEG, n 10, p.95-118, 1969.

CHMYZ, I. (Ed.). **Terminologia Arqueológica Brasileira Para a Cerâmica**. Paranaguá, Universidade Federal do Paraná, Museu de Arqueologia e Artes Populares, Cadernos de Arqueologia, nº 1, 1976.

DIAS, O. A Tradição Tupiguarani no estado do Rio de Janeiro. **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2009, p. 65-88.

KASHIMOTO, E. M; MARTINS, G. R. **Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2009.

KLAMT, S. C. **Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani**. Porto Alegre, PUCRS, 2004. (Tese de Doutorado).

MÜLLER, L. M; SOUZA, S. M. Enterramentos Guarani: problematizações e novos achados. In: **Antes do Oeste Catarinense** – arqueologia dos povos indígenas. Chapecó: ARGOS, 2011, p. 167-218.

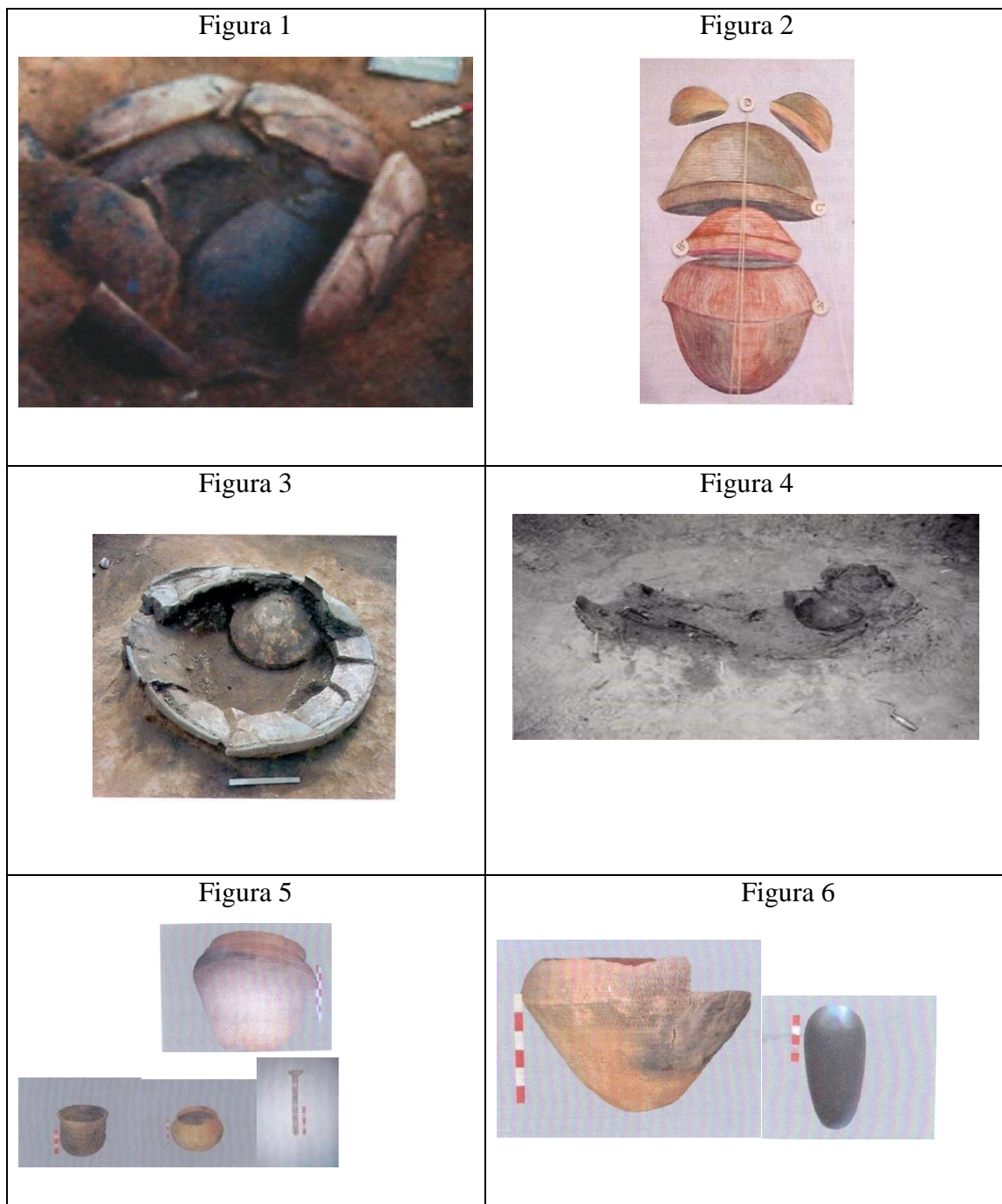
PESTANA, M. B. **A Tradição Tupiguarani na Porção Central da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil**. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 2007. (Dissertação de Mestrado).

PY-DANIEL, A. R. **Arqueologia da Morte no Sítio Hatahara durante a Fase Paredão**. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, 2009. (Dissertação de Mestrado).

SCHMITZ, P. et al. Arqueologia nos cerrados do Brasil central – Sudoeste da Bahia e Leste de Goiás – O Projeto Serra Geral. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. **Antropologia**, n. 52, 1996.

SOARES DE SOUZA, G. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

ANEXO



Legendas:

Figura 1. Estrutura funerária no sítio Morro Grande, RJ. Fonte: BUARQUE, 2010, p. 162.

Figura 2. Estrutura funerária no RJ. Fonte: DIAS, 2009, p. 77.

Figura 3. Urna funerária com cobertura de crânio. Fonte: KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 97.

Figura 4. Sepultamento primário do corpo com redeposição da cabeça. Fonte: RIBEIROapudPESTANA, 2007, p. 114.

Figura 5. Urna funerária (sem tampa) e anexos. Fonte: KLAMT, 2004, p. 201.

Figura 6. Uma funerária (sem tampa) e lâmina polida. Fonte: KLAMT, 2009, p. 202.